

Musicalidade e memória

Part. Casa do Jongo da Serrinha



Microfone Aberto: transcrição do episódio com a Casa do Jongo da Serrinha

Olá, aqui é Dyonne Boy, eu sou coordenadora executiva do Jongo da Serrinha. O Jongo é uma instituição que existe há sessenta anos, no bairro de Madureira, na Zona Norte do Rio, e que há vinte anos criou uma ONG para fazer um trabalho comunitário, social, cultural e artístico. O Jongo da Serrinha trabalha com três grandes frentes. Uma, que é uma base comunitária, cuja sede é a Casa do Jongo, hoje um dos espaços de maior referência da cultura negra carioca na cidade. A segunda frente de trabalho do Jongo da Serrinha é uma escola, que tem como base a cultura afro, a cultura de matriz africana, as culturas populares, é a memória local da Serrinha. Então, é uma escola que tem aulas de música, de dança, de capoeira, de literatura, tudo isso baseado nos conteúdos e nas metodologias das tradições das culturas populares de matriz africana. É um trabalho que a gente já faz há 20 anos, e já teve aí mais de 3 mil alunos. Agora, no momento, está fechado por causa da pandemia. As aulas estão suspensas, mas é um trabalho que a gente já vem fazendo há bastante tempo. Desenvolvemos a nossa pedagogia jongueira para trabalhar com essas crianças no contraturno do horário escolar. E a nossa terceira frente de trabalho é a arte e a cultura. Então, o Jongo da Serrinha vem se apresentando em diversos palcos, no mundo inteiro, fazendo oficinas de jongo, aulas de jongo, palestras, seminários. Enfim, a gente tem como grande missão combater o racismo estrutural brasileiro, e o nosso grande instrumento de trabalho é a memória, a preservação da memória, da cultura e, assim, seguimos com nosso trabalho.

A gente criou, recentemente, com a pandemia, um projeto ancestral-digital, que é, justamente, um projeto de comunicação, de rede do jongo. A gente tem nossas redes sociais, que hoje conta com mais ou menos umas 30 mil pessoas, mas a pandemia trouxe uma urgência por traduções, por utilizações, experimentações nas plataformas digitais. Então, a gente criou esse projeto, que pretendemos implementar assim que for possível. Estamos captando recursos para a utilização das plataformas para a capacitação de jovens da comunidade e, a gente mesmo, a própria equipe de coordenação da ONG, a equipe estrutural, para a utilização das redes. É um desafio. Como é que o jongo, que é uma tradição africana, uma herança africana, que veio de Angola, com os negros bantos, uma tradição oral, presencial, como que ele se adapta e ganha as redes, como ele se traduz nos meios digitais? Então, isso virou um grande desafio pra gente, não só para conseguirmos transmitir os conteúdos, mas, também as formas. Então, esse projeto, o ancestral-digital, ele

é isso. É um trabalho que a gente vai fazer de comunicação para conseguir levar o jongo, combatendo aí esse racismo estrutural brasileiro, com os nossos conteúdos, com os conteúdos e metodologias jongueiras. E eu acho que é isso que o jongo tem de muito importante. O jongo é um ritmo que está desde o século XVIII no Brasil, nas fazendas de café do Sudeste, e ele sempre foi um instrumento de resistência, de superação. Ele era uma dança de roda que os senhores permitiam que ela fosse dançada em dias de festa e, através dessas danças, dessas rodas, muita coisa acontecia ali. Fugas eram combinadas, o cantador do ponto do jongo muitas vezes usava metáforas para combinar essas fugas durante a roda. Havia, por exemplo, um clima de festa, que aproximava as pessoas, criava um clima de fertilidade ali, naquela situação de extrema opressão que foi a escravidão no Brasil, espécie de holocausto, e que durou 350 anos. E o jongo sempre sendo uma ferramenta de produção de força vital, de superação de uma grande opressão. E foi atravessando os séculos e chegou até os dias de hoje. Ele tem isso no seu DNA, que é uma forma de superação de opressões, de injustiças sociais, é uma forma de engajamento de um grupo, de uma comunidade. Ele une pessoas, ele une famílias, ele traz conteúdos e valores extremamente humanísticos, ecológicos, pró-vida. Então, existe um grande respeito pelas pessoas mais velhas, que são vistas como sábios, como mestres, mestres Griôs, que são pessoas muito importantes, que guardam muitos conhecimentos. Então, o jongo é uma ferramenta de desenvolvimento social humano. Sempre foi e, com o tempo, ele vem se adaptando, numa espécie de inteligência própria desse organismo, desse complexo cultural, que é o jongo. Ele vem se adaptando aos novos tempos. É muito importante a gente poder manter ele vivo, ativo, se comunicando com a juventude, se comunicando com a infância porque é a própria memória, é a nossa história. É a nossa vivência que a gente chama de nação brasileira. E o jongo é uma parte muito autêntica, muito verdadeira às nossas raízes. Então, é muito importante que ele se mantenha vivo. Os pontos de jongo, as letras, contam muito, tanto sobre esse passado colonial que, na verdade, não é um passado. É muito interessante a gente observar isso. Quando a gente observa um ponto de cem anos atrás, na verdade ele é quase que atemporal porque você nota a permanência de várias estruturas opressoras na sociedade, várias relações de exploração. E o jongo, ele denuncia isso, com as suas letras, com a sua poética, com seu modo de existir ali na roda, onde existe uma igualdade, uma horizontalidade, a ideia da autogestão. Enfim, então o jongo tem uma grande importância para a gente entender que país nós somos, de onde nós viemos, o que a gente quer manter como valor, como estrutura social, como modo de ser, como modo de existir, e o que a gente não quer mais que exista. O jongo denuncia muito isso também. O horror dos senhores, toda a opressão, a forma como os corpos negros foram tratados e continuam sendo no Brasil, todas as políticas de genocídio, as políticas racistas estruturais que estão muito presentes na nossa sociedade. O jongo traz isso tudo. Então, é muito importante que ele permaneça vivo.

Eu acho que o jongo é uma experiência de vida muito importante. Todo brasileiro todo carioca, deve experimentar porque ele é uma festa, ele é uma alegria, é uma vivência, na verdade, de música, de dança, de relação, de conhecimento do ancestral. Ele é uma espécie de mídia de transmissão de conhecimento ancestral muito antiga. E é muito importante pra gente, como experiência, como brasileiro, para que possamos experimentar aquela dança, com o pé no chão, a umbigada, o encontro com o outro no centro da roda, o canto, cantar junto, bater palma, tocar

tambor, o rodar saia. As rodas de jongo duram, às vezes, horas e horas e horas, e madrugada adentro. E os jongueiros acreditavam também em muita magia, muito encantamento, que aquelas rodas de jongo produzem uma energia, uma coisa muito forte, que gera alegria, que gera vontade de viver, que gera vontade de abraçar, de encontrar o outro. Ela é uma ferramenta muito potente, antidepressiva, que gera muita esperança. É uma força de vida muito grande que o jongo produz. É muito importante que ele permaneça cada vez mais vivo, sendo transmitido pelas gerações mais velhas para as mais novas, e que a juventude e as crianças estejam sempre aí cantando, dançando, fazendo as rodas de jongo.

A gente ficou muito feliz de participar desse programa em curso; foi uma coincidência. Assim que começamos esse projeto, um pouquinho antes da pandemia, em dezembro, fizemos algumas reuniões e logo começou essa rotina de pandemia. Tivemos que fechar a Casa do Jongo e suspender todas as atividades. Trabalhamos com cultura, e nosso trabalho é todo baseado em encontro, aglomeração, atividades educacionais. Fomos obrigados a ficar muito imersos nas nossas próprias estruturas, e revisitando nossos modos de fazer, de seguir, de pensar, de conduzir a gestão da instituição. E, justamente, o programa em curso tratava disso. Conseguimos ter uma qualidade de imersão nesse processo que foi muito especial porque a gente estava ali na pandemia, se vendo com diversos novos desafios, mas, ao mesmo tempo, podendo ter esse tempo de estudo e qualidade, e olhar a avaliação sobre a estrutura da ONG. Então, a gente vem conversando sobre muitas coisas, muito bacanas, sobre repensar processos, o que a gente pensa, o que a gente é, os objetivos, quem são as pessoas, o que elas fazem, como poderia crescer, o que a gente poderia fazer. O sentido do nosso trabalho envolve reflexões muito profundas e, com certeza, elas se desdobrarão e vão levar para lugares estruturantes. Que a gente consiga garantir uma sustentabilidade nesses tempos tão difíceis, nesses tempos que a gente está sendo altamente perseguido, altamente criminalizado. Existe um grande desmonte da cultura no Brasil e, especialmente, uma perseguição às culturas de matriz africana. As bancadas perseguem o jongo, o candomblé, a umbanda e diversas manifestações da cultura popular. Então, nesse momento, poder se fortalecer foi muito fundamental pra gente.

Devemos voltar às atividades só quando houver vacina, porque a Casa do Jongo é um lugar de festa, de encontro. Tenho certeza de que quando a gente puder reabrir a Casa, vamos fazer uma grande festa, vamos ficar muitos dias dançando jongo, cantando jongo, samba, recebendo amigos. Quero convidar todos, para assim que puderem, estar presentes na Casa do Jongo, assim que a gente conseguir sair dessa pandemia, desse horror, que a gente está vivendo no Brasil. Fica aí um convite para todos conhecerem o Jongo da Serrinha, a Casa do Jongo. Agora, a gente está nesta situação virtual, remota, mas existem alguns vídeos na internet, filmes falando sobre a gente, Mestre Darcy do Jongo, Vovó Maria Joana, Tia Maria do Jongo. Existem vários vídeos que falam sobre esse trabalho, e acho que é um momento muito importante da gente estar pensando que país nós queremos ter, para onde nós queremos seguir, que rumo tomar como nação mesmo. A gente vendo aí essa destruição da natureza do Brasil, e o jongo, por exemplo, tem uma relação muito forte com a natureza, com a terra, com a plantação. O jongo, originalmente nas fazendas, onde os jongueiros eram plantadores de café, de açúcar, então, desde o início, quando o jongo chega no Brasil, vindo de Angola, existe essa relação com a

terra muito forte, com os elementos da natureza. Então, o jongo também tem isso a ensinar, para colaborar para esse novo momento que a gente precisa inaugurar no Brasil, no país, com políticas de justiça mais claras. Que a gente vá conseguindo, aos poucos, diminuir a carga colonial que ainda é muito forte nas estruturas do país.